

## **Pintando aldeias: pinceladas de memória na poesia de Nanny Zuluaga Henao**

### **Painting villages: brushstrokes of memory in Nanny Zuluaga Henao's poetry**

**Sônia Maria Ferreira de Matos**

**RESUMO:** Esse texto, um recorte da tese de doutorado, tem por intuito observar “os lugares onde a memória se cristaliza e se refugia” (NORA, 1993, p. 7) nos poemas de Nanny Zuluaga Henao. Sua memória passa pelos lugares de sua infância, pela natureza, pelos personagens reais que a rodeiam, pelas recordações ancestrais e pelas heranças deixadas pelos povos originais e pela africanidade que corre em seu sangue.

**Palavras-chave:** Memória. Ancestralidade. Nanny Zuluaga Henao

**ABSTRACT:** This text, an excerpt from the doctoral thesis, aims to observe “the places where memory crystallizes and takes refuge” (NORA, 1993, p.7) in the poems of Nanny Zuluaga Henao. Her memory passes through the places of her childhood, through nature, through the real characters that surround her, through ancestral memories and the legacies left by the original peoples and through the Africanness that runs in her blood.

**Keywords:** Memory. Ancestry. Nanny Zuluaga Henao.

Esse texto é um recorte de nossa tese de doutorado intitulada *Vozes antigas ecoando nas escritas femininas: Novas vozes das mulheres latino-americanas*<sup>1</sup>, na qual estudamos um Coletivo de mulheres poetisas da Colômbia, chamado **Las musas cantan: Urabá**. Nosso intuito, aqui, é observar “os lugares onde a memória se cristaliza e se refugia” (Nora, 1993, p. 7) nos poemas de Nanny Zuluaga Henao, uma das poetisas do Coletivo. Sua memória passa pelos lugares de sua infância, pela natureza, pelos personagens reais que a rodeiam, pelas recordações ancestrais e pelas heranças deixadas pelos povos originários e pela africanidade que corre em seu sangue.

Pretendemos observar como a poeta, através de seus temas mais recorrentes, permite que as vozes antigas de seus ancestrais ecoem em seus versos atuais trazendo à tona sabedorias antigas, memórias cristalizadas, recordações vividas ou apenas recontadas, em um jogo de auto - afirmação, reconhecimento de si e de todas as “outras” que a compõem, ocasionando, assim, o empoderamento, a busca por seus espaços e seus meios de cura. Observar como a autora recria as mulheres reais que povoam seu

---

<sup>1</sup>Sob a orientação da professora Doutora Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves

cotidiano, como retoma elementos carregados de tradições na voz da mulher ancestral, apresentando sua grandeza, sua individualidade.

Nanny Zuluaga Henao, escritora e editora, nasceu em Unguía, Chocó, na Colômbia. É membro cofundadora do Coletivo *Las musas Cantan: Urabá*. Aos doze anos, mudou-se para a região de Urabá e publicou seu primeiro poema na coletânea da Oficina de Escritores *Urabá Escribe*. Aos quinze, publicou o primeiro livro de poesia, *Anuncio de Luna* (1999).

A partir do segundo livro, *Más de colores* (2012), tem publicado em várias revistas, antologias e diários nacionais e internacionais. Participou da *Antologia Grito de Primavera* (2016), da *Antologia Las Musas Cantan* (2016), da Antologia poética *Donde cantan los grillos* (2021). Também participa de várias dessas publicações, como editora. Em 2023, publicou *Patirrusia: poesia de memória ancestral*. Segundo a poeta, esse é o primeiro de uma trilogia na qual está trabalhando. Seus temas abordam a memória, a ancestralidade e a natureza. E são poemas desse livro que iremos abordar aqui, nesse texto.

Em seu texto *Entre memória e História: a problemática dos lugares* (1993), Pierre Nora afirma que, com a aceleração da história, a memória encontra-se “esfacelada” e, segundo ele, “fala-se tanto de memória porque ela não existe mais”. O historiador francês destaca a ruptura com o passado vivenciado pelas sociedades contemporâneas devido a essa aceleração do presente. Juntamente com essa ruptura vem a sensação de perda, de fim de algo começado e a necessidade de falar de memória estabelecendo uma ligação “com os lugares onde ela se cristaliza”, ou seja, os lugares que representam sustentáculos materiais para consolidar e proteger a memória de um grupo.

De acordo com Nora, as sociedades-memórias ou grupos que conservavam e transmitiam as tradições, como a família, a Igreja, a escola ou o Estado, vivem, hoje, a crise da aceleração. Essa crise acontece, em grande parte, devido à mundialização, à massificação, à midiaticização. Esse mundo midiático, por sua vez, está condenando-nos ao esquecimento e à necessidade de consagrar lugares por que não somos mais capazes de habitar nossa memória. O passado torna-se história. Segundo Pierre Nora:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do

que não existe mais. (...) A Memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (Nora, 1993, p. 9)

Assim, entendemos que as sociedades de hoje são levadas a ancorar suas memórias em lugares, em espaços e em objetos por conta da aceleração dos tempos que tende a transformar tudo em história condenando ao esquecimento.

No prólogo do livro *Patirrusia: poesia da memória ancestral* (2023), de Nanny Zuluaga Henao, a poeta e também membro do Coletivo *Las musas Cantan: Urabá*, Yadira Rosa Vidal Villadiego, inicia sua fala mencionando uma frase atribuída a Liev Nikoláievich “León Tolstoi”: “Pinta tua aldeia e pintarás o mundo”. Villadiego salienta que essa expressão pode guiar muitos escritores na busca permanente por sua origem, por sua ancestralidade e pelo encontro consigo mesmo e que, cada um, pinta, a partir de seu cotidiano, os espaços que habita. Zuluaga Henao pinta sua aldeia a partir de seu olhar “de dentro” de seu território, a partir de seus lugares memória, de seus objetos memória. Sua memória passa pelos lugares de sua infância, pela natureza, pelos personagens reais que a rodeiam, pelas recordações ancestrais e pelas heranças deixadas pelos povos originários e pela africanidade de seus ancestrais que a compõem.

E “por que é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas.” (Nora, 1993, p. 9), podemos observar nos poemas estudados a seguir, a magia e a afetividade marcando os pontos e os lugares nos quais a poeta ancora sua memória, recorda seus ancestrais e cura suas dores.

### **Paraíso<sup>2</sup>**

Semeie-me um paraíso de coités,  
árvores que carregam os frutos em seu caule  
em forma de taças, peras ou maracas,  
- Coités do tamanho do abraço de uma menina-.  
Prometo recolhê-los de seus corpos,  
cozinharei suas polpas com rapadura,  
para vomitar os mucos  
que aninharam na tristeza.  
Secarei suas conchas a fogo lento,  
cinzelarei figuras tremulantes,  
silhuetas dos ancestrais.  
Encherei seus ventres com vasilhas quebradas,  
para entoar a ritmo de maracas,

---

<sup>2</sup> Todas as traduções do castelhano para o português são nossas.

o “guapirreo”<sup>3</sup>em noites de bullerengue.  
Plante-me um paraíso de coités,  
onde suas folhas brilhem na tarde úmida,  
as vacas encontrem sombra,  
e as velhas, descanso a sua dor<sup>4</sup>  
(Zuluaga Henao, 2023, p.43)

A autora, nesse poema, ao tratar de um assunto que poderia, a um olhar desatento, parecer tão corriqueiro, uma simples árvore, cuida de várias tradições de sua terra, de seu espaço geográfico e percebe, ali, o seu paraíso. O coité oferece os frutos que, depois de secos, são usados como vasilhames, uma espécie de cuia, que serve para lavar o arroz, ralar o coco ou temperar a carne, por exemplo: *“árvores que carregam o fruto em seu caule/em forma de taças, peras ou maracas”*. Também serve para fazer um instrumento, tipo um chocalho, a maraca. A sua polpa é usada como remédio contra o catarro, costume das mulheres sábias que procuram a cura através das plantas: *“cozinharei suas polpas com rapadura, /para vomitar os mucos /que aninharam na tristeza”*. Os frutos também são usados como alimento para o gado, pois essa árvore resiste à seca e, quando não tem pasto verde para alimentar o gado, as folhas que brilham *“na tarde úmida”* também servem de alimento.

No poema, Nanny Zuluaga Henao também faz alusão aos gritos alegres do povo da Colômbia, o *“guapirreo”* e ao *“bullerengue”* um gênero musical e dança tradicional da região caribenha de seu país. Aqui observamos o olhar atento de Zuluaga Henao Capturando na natureza, em uma árvore abundante em seu país, as tradições de seus ancestrais, os seus “lugares memória”: o instrumento, o vasilhame, o entalhe das figuras ancestrais, a alegria, a dança, a cura. Nos versos finais do poema, vislumbra-se o paraíso proporcionando a sombra e o descanso para a dor que ultrapassa o tempo: *“Plante-me um paraíso de coités/ onde suas folhas brilhem na tarde úmida/as vacas encontrem sombra, /e as velhas, descanso a sua dor.”* Muito mais do que a sombra e o descanso, o paraíso oferece alívio à dor e o espaço para a criação de uma memória “afetiva e mágica” (Nora, 1993).

---

<sup>3</sup>É um grito de alegria, de diversão.

<sup>4</sup>Do original: **Paraíso** /Siémbrame un paraíso de totumos, / árboles que cargan los frutos en su tallo /en forma de copas, peras o maracas, /- totumos del tamaño del abrazo de una niña- /Prometo recogerlos jechos de sus cuerpos, /cocinar sus pulpas con panela, /para devolver las flemas /que anidaron en la tristeza. /Secaré sus conchas a fuego lento, /las repujaré con figuras temblorosas, /siluetas de los ancestros. /Llenaré sus vientres con vajillas rotas, /para entonar a ritmo de maracas, /el guapirreo em noites de bullerengue. /Siémbrame un paraíso de totumos, /donde sus hojas brillen en la tarde húmeda, /las vacas encuentren sombra, /y las viejas, descanso a su dolor.

No segundo poema, *Herança*, acompanhamos a poeta em um mergulho ao princípio da vida, da sua vida, em suas raízes. Ela percorre um caminho circular desde sua estada no ventre da mãe, até à imagem de se ver ajoelhada diante de seu jazido. Percebendo, assim, todas as vozes, de todas as mulheres que a compõem:

### **Herança**

Bebi da água que dá vida  
no ventre da minha mãe.  
Pela linha que vem do meu umbigo  
cheguei até à “Eva mitocondrial”,  
no continente mãe, das suas mãos  
o legado das memórias,  
que todos os meus mortos habitam.

Ajoelhado em seu jazido,  
meu corpo se enche de carne e ossos  
o silêncio, se dissolve com as sombras  
de vozes antigas

Um fluxo de histórias me liga ao meu próprio destino.

Um repique de tambor batiza minha alma.  
Sou substância, que se funde com os ciclos,  
o retorno do inesperado,  
o que deveria ser, no seu tempo e hora.  
Sou um espelho, de onde se mostra o desejo de redenção.  
cheiros distantes chegam até mim:  
a lama escondida entre as unhas do caranguejo,  
o aroma fértil da subida  
de moluscos e peixes,  
o amargor do café e cigarro sem filtro  
na respiração.

Cheiros que de repente abrem meu entendimento  
desamarram os nós em minha cabeça  
com heranças de sabedoria.

Meu corpo, é barro que se molda  
entre as mãos gastas  
daquelas que ainda estão vivas,  
e os sussurros das vozes das minhas mortas.

Sou todas aquelas que me são conhecidas!

Trindad  
Manuela  
María  
Victória  
Feliciano  
Juliana

Nenhuma delas se extingue:  
Sua força, impulsiona o fluxo hereditário.

Abraço sua presença em minha carne,

enquanto minha pele se espalha no vento,  
de todos os tempos.  
Eu sou o universo negro, que contém tudo  
e a nada pertence.<sup>5</sup>  
(Zuluaga Henao, 2023, p.49-50)

Zuluaga Henao, “pinta sua aldeia” a partir da memória de todas as mulheres que compõem seu ser. Todas aquelas mulheres presentes e as que vieram antes. Seus lugares onde a memória se cristaliza e é revisitada é o seu entorno e o seu interior. Os cheiros distantes que chegam e aguçam o entendimento, realçam os saberes, acordam as heranças: *“cheiros distantes chegam até mim”*. Enquanto revisita esses lugares, vai compondo seus espaços e resgatando a memória dos seus: “Sou um espelho, de onde se mostra o desejo de redenção”. Redenção, talvez, com as histórias que ficaram por contar, de seus antepassados, daqueles que pisaram sua terra antes e deixaram suas pegadas.

No *“repique do tambor”* sua história é recontada, é reconhecida, é revisitada. Sua herança dos povos originários e a africanidade segue o fluxo impulsionado por todas aquelas que moldaram o barro: *“Nenhuma delas se extingue: /sua força, impulsiona o fluxo hereditário”*. Ao pintar sua aldeia e resguardar os lugares de sua memória, a poeta caminha de volta para suas terras sagradas. Se sente e se diz ser *“o universo negro, que contém tudo/ e a nada pertence”*.

Se “cada um de nós tem uma história” (Halbwachs, 2006, p. 57), a poeta percebe a sua história sendo dividida, recontada e reconstruída por todas aquelas que ditam seu ser *“Meu corpo, é barro que se molda /entre as mãos gastas /daquelas que ainda estão vivas, /e os sussurros das vozes das minhas mortas”*. Ao se dar conta de suas heranças, ao assumir o entendimento de que seu corpo é o barro moldado por todas as outras, as de hoje e as de ontem, a voz poética nos permite vislumbrar os fios invisíveis que tecem seu ser. São os caminhos percorridos pelas lembranças, os clamores do sangue, da herança,

---

<sup>5</sup>No original: **Herencia** /He bebido del agua que da vida/ En el vientre de mi madre. /Por la línea que sale de mi ombligo /Llegué hasta la “Eva mitocondrial”, /En el continente madre, de sus manos /El legado de memorias, /Que habitan todos mis muertos. /Arrodillada en su panteón, /Mi cuerpo se llena de carne y huesos /El silencio, se deshace con las sombras /De voces antiguas /Un caudal de historias me ata, a mi propio destino. /Un repique de tambores bautiza mi alma. /Soy sustancia, que se funde con los ciclos, /El retorno de lo inesperado, /Lo que debe ser, en su tiempo y hora. /Soy espejo, donde se asoma el deseo de redención. /olores lejanos llegan a mí: /el barro escondido entre las uñas del cangrejo, /el aroma fértil a subienda /de guacuco, bocachico y sábalo /el amargo de café y pielroja sin filtro /en la respiración. /Olores que de golpe me abren el entendimiento /Desatan los nudos en mi cabeza /Con herencias de sabiduría. Mi cuerpo, es barro que se moldea /Entre las manos ajadas /De aquellas que aún están vivas, /Y los susurros de las voces de mis muertas. /¡soy todas las que me son conocidas! /Trinidad /Manuela /María /Victoria /Feliciano /Juliana /Ninguna de ellas se extingue: /Su fuerza, empuja el caudal hereditario. /Abrazo su presencia en mi carne, /Mientras mi piel, se esparce en el viento, /De todos los tiempos. /Soy universo negro, que todo lo contiene /Y a nada pertenece.

da carne, são “cheiros que de repente abrem meu entendimento/desamarram os nós em minha cabeça /com heranças de sabedoria”.

Clarissa Pinkola Estés (2018), ao introduzir o conceito dos *Descansos*, fala das cruzes que podem ser encontradas ao longo das estradas e beiras de penhascos em vários lugares do mundo: Velho e Novo México, Sul do Colorado, Arizona, Grécia, Itália e outros países do Mediterrâneo. Sabemos que, aqui no Brasil, elas também são comuns. São cruzes de madeiras, de cimento ou cruzes simplesmente pintadas nas rochas, que são enfeitadas com flores artificiais, de plástico ou papel crepom, com muitas fitas coloridas, imagens de santos e terços. Essas cruzes são encontradas, principalmente, nas curvas perigosas das estradas ou em descidas longas. Também as encontramos em pontos perigosos dentro das cidades. São sinais de acidentes, alguma morte ocorreu ali e os familiares “marcam” os lugares e simbolizam o desejo de que aquela alma alcance o descanso eterno. Sempre voltam àquele lugar para rezar e renovar as flores e os enfeites.

E para Estés:

Antes de completarem vinte anos, as mulheres já morreram centenas de mortes. Elas iam numa direção ou noutra e foram impedidas de prosseguir. Elas tinham sonhos e esperanças que também foram cortadas na raiz. Qualquer uma que não concorde é porque ainda está dormindo. Todas essas mortes podem passar pelo processo dos *descansos*. (Estés, 2018, p. 411)

Ou seja, essas mulheres precisam “marcar” esses pontos, criar *descansos* com o intuito de examinar a vida e prantear essas pequenas ou grandes mortes, para perdoarem e seguirem em frente. Para aprenderem a canalizar as raivas para os lugares certos e, assim, serem capazes de se curarem.

Se, segundo Estés, os fatos que acontecem às mulheres e lhes causa as centenas de mortes servem para “aprofundarem o sentido de individualidade, de diferenciação, de crescimento e expansão, de floração, de despertar e se manter alerta e consciente, eles também são tragédias profundas e assim devem ser pranteados.” (Estés, 2018, p. 411). Então, recomeçar sempre é uma maneira de criar *descansos*.

No poema, ***Voo de pombas manchadas***, Nanny Zuluaga Henao recria seu espaço para recomeçar, para curar-se e, assim, lembrar seus ancestrais:

Voo de pombas manchadas

Recebo a pomba mensageira,  
Que leva de mim toda a dor  
e o desejo de sucumbir.

Percebe o que a impede de sucumbir perante as dores – a união com as outras, as ancestrais, as amigas e vizinhas – pois não está só, muitas outras histórias a compõe:

levanto esta pomba com as forças,  
de todos aqueles que me acompanham  
porque não estou só!  
Tenho uma história cheia de ancestrais,  
amigos e vizinhas.

As que a acompanham, dividem o fardo do cansaço, iluminam o caminho, sinalizam com as cruzes:

Elas levantam minhas mãos,  
quando o cansaço me alcança;  
Eles acendem sua luz e apontam o caminho,  
Por onde o sangue faz bater meu coração.

O eu lírico liberta-se e coloca no voo da pomba a sua liberdade, os seus medos e a possibilidade de reconstruir-se, de limpar as cicatrizes, de jorrar as nascentes através da capacidade de prantear suas dores e lavar as cicatrizes:

Solto essa carne emplumada  
em nome de minha liberdade,  
onde ela for, meus ouvidos não a ouvirão mais,  
e o medo não me atinge.

- Me liberto, me solto-  
hoje meu pranto reconstrói as nascentes  
que a dor secou.  
Hoje canto à doce água do golfo,  
que limpa minhas cicatrizes.

E refaz o caminho, retorna ao seio da mãe. E cura-se diante da lembrança do líquido sagrado da vida. E revigora-se diante dos antepassados, e reencontra-se com suas raízes revivendo o “antigo desejo de viver”:

Recebo de seu voo o sopro de amor do criador,  
a lembrança dos dias em que me alimentava  
do seio de minha mãe,  
quando recebi de seu líquido sagrado,  
o que é meu desde sempre.



Banho meus pés com o suave bálsamo de meus antepassados.  
Descalça procuro minhas raízes espalhadas nesta terra.  
Acaricio minha pele até recuperar o brilho da ternura,  
e minhas mãos reavivem o desejo antigo de viver.

E perdoa-se, e torna-se dona de si. Torna-se guia de seus pensamentos, ama e é amada. Caminha adiante, com a força da fé, seguindo a luz. Percebe-se semente que brota sempre, que floresce e frutifica. É capaz de chorar “as pequenas mortes” e, ainda assim, seguir adiante. Pois reconhece seu merecimento em ser feliz:

Declaro-me dona de mim,  
dona de minha cabeça,  
timoneira de meus pensamentos  
Me vejo sorridente, amada e amando-me.

Caminho com a força da Fé.  
com a beleza do aprendiz que vê o sol,  
no primeiroraia de luz.

Sou semente que brota,  
sorriso que grita:  
Eu mereço ser feliz!<sup>6</sup>  
(Zuluaga Henao, 2023, p.65-66)

Em seus versos, Zuluaga Henao reconhece suas dores e entrega seus medos ao voo que a pode curar. Intui que sua força vem de todas aquelas cujas estórias atravessam a sua, que cruzaram seu caminhar e daqueles que ascendem a luz que clareia o caminho “por onde o sangue faz bater meu coração”.

Ao nomear seu livro, Zuluaga Henao usa a palavra “patirrusia”, que significa “pés rachados, ressecados” e que, normalmente, é usada em tom pejorativo para designar uma mulher muito pobre e de grande invisibilidade, ressignificando-a. Em sua poética,

---

<sup>6</sup> Do original: **vuelo de palomas manchadas** /recibo la paloma mensajera, /que se lleva de mí todo el dolor /y sus ganas de sucumbir. /Levanto esta paloma con las fuerzas, /de todos los que me acompañan /! porque no estoy sola! /tengo una historia llena de ancestros, /amigos y vecinas. /Ellas levantan mis manos, /cuando el cansancio me alcanza; /ellos encienden su luz y apuntan el camino, /por donde la sangre hace latir mi corazón. /Suelto esta carne emplumada /en nombre de mi libertad, /a donde ella va, mis oídos no la oirán más, /y el miedo no me alcanza. /- Me liberto, me suelto-. /hoy mi llanto reconstruye las nacientes /que el dolor secó. /Hoy canto al agua dulce del golfo, /que limpia mis cicatrices. /Recibo de su vuelo el soplo de amor del creador, /el recuerdo de los días en que me alimentaba /del pecho de mi madre, /cuando recibía de líquido sagrado, /lo que es mío desde siempre. /Baño mis pies con el bálsamo tierno de mis antepasados. /Descalza busco mis raíces esparcidas en esta tierra. /Acaricio mi piel hasta recobrar el brillo de la ternura, /y mis manos reviven el deseo antiguo de vivir. /Me declaro dueña de mí, /dueña de mi cabeza, /timonera de mis pensamientos /me veo sonriente, amada y amándome. /Camino con la fuerza de la Fe. con la belleza del aprendiz que ve el sol, /en el primer claro de luz. /soy semilla que retoña,sonrisa que grita: /! yo, merezco ser feliz!

“patirrusia” significa uma mulher forte que guarda os segredos das ervas usadas para saborizar as comidas, a que representa o fogo dos costumes, que cantarola os ritmos das águas e que tem as “pernas grossas” enraizadas entre a fartura dos mangues. Zuluaga Henao transforma esse adjetivo pejorativo em um substantivo para nomear a sereia que habita as cidades, a mulher ancestral:

### **Patirrusia**

Os passos rachados de tição ardente,  
Ocultam entre as cinzas,  
Uma cauda de sereia rebolando  
Entre edifícios e o pó dos carros.

Patirrusia  
Pedaço de mangue crepitante,  
No fogo dos costumes.  
Mulher que percorre as doze casas do parqués<sup>7</sup>,  
Com o amarrado de ervas para as comidas,  
Canto de reminiscência à vida.

Matrona de pernas grossas,  
Enraizadas entre caranguejos, peixes e camarões  
Que temperam os contos das velhas,  
Quando na cozinha têm saudade da maré baixa,  
Em terras de água salgada.

Patirrusia  
Sereia de escamas brancas,  
Que cantarola os ritmos da água  
Desejando ser chuva,  
No vapor do asfalto.  
(Zuluaga Henao, 2023, p.23 )<sup>8</sup>.

“Patirrusia”, um poema presente no livro homônimo, carrega uma grande carga da memória ancestral que Zuluaga Henao apresenta em seus poemas: *“Matrona de pernas grossas”*. Elementos que fazem parte da vida dos povos de origem indígena e africanos que viveram ou vivem ao redor das águas dos rios e do mangue de seu território, Chocó: *“quando na cozinha têm saudade da maré baixa,/em terras de água salgada”*. Personagem

---

<sup>7</sup>O “parqués” é um jogo de estratégia muito comum na Colômbia e muito jogado pelos afrocolombianos, com muita representatividade. Um jogo coletivo que reúne as mulheres durante o café da tarde.

<sup>8</sup>No original: **Patirrusia**/ Los pasos agrietados de tizón ardiente,/ocultan entre las cenizas,/una cola de sirena contoneándose/ entre edificios y el polvo de los carros./ Patirrusia/ Pedazo de manglar crepitante,/en el fuego de las costumbres./ Mujer que recorre las doce casas del parqués,/ con el atado de hierbas para las comidas,/ canto de reminiscencia a la vida./ Matrona de piernas gruesas,/ enraizadas entre cangrejos, peces y camarones/ que sazonan los cuentos de las viejas,/ cuando en la cocina añoran la bajamar,/ en tierras de agua salada./ Patirrusia/ Sirena de escamas blancas,/ que tarareas los ritmos del agua/ anhelando ser lluvia,/ en el vapor del asfalto.(Zuluaga Henao, 2023, p.23)

real, sem caricatura ou estereótipos, a mãe, a avó, a parteira, a curandeira, a cozinheira, a que cuida, a que conta, a que ensina: “*sereia de escamas brancas/que cantarola os ritmos da água*”. A mulher real com seu poder de sedução e encanto.

Em *A mulher escrita*, Ruth Silviano Brandão adverte o leitor para o engodo que é a personagem feminina construída e registrada pelo masculino. Essa imagem criada não representa uma cópia fiel da mulher. E, sim, “produto de um sonho alheio” (Brandão, 2006, p.17), o sonho e o desejo “outro”. Como no mito de Narciso e Eco, no qual Eco apenas repete as palavras de Narciso e se perde nessa repetição do desejo e da palavra alheia e definha se perdendo nos seus próprios desejos sem, no entanto, ser amada por Narciso, que a reconhece incompleta, mutilada refletida em sua voz entrecortada. E, na criação do narrador ou do poeta:

O eterno feminino é ilusão de completude, ficção ideal criada pelo horror da castração. Horror que cria o fetiche, corpo fálico do feminino, com as roupagens e o brilho de seu próprio encarceramento. A voz que aí se ouve não é feminina, mas seu simulacro, fina modulação da ilusão que a faz existir. Gesto alheio que cria espaço onde se aliena a mulher, estrangeira de seu desejo, boneca que faz fluir o som da voz de seu ventríloquo. Passageira da voz alheia, na medida em que se cala, calando seu próprio desejo desconhecido. (Brandão, 2006, p.19).

E, segundo a autora, muito diferente é o texto feminino que traz para a superfície as fantasias, sonhos, desejos e a voz da mulher. Retira do abismo no qual Eco se encontra perdida e traz à tona dando novas formas, aparências e significações e: “é no leito mesmo onde se tecem as palavras – o texto ficcional – que elas revelam sua potencialidade criadora de novos caminhos, imprevistas soluções, inesperadas veredas.” (Brandão, 2006 p. 20). Veredas, frestas, trilhas, pegadas e vozes próprias. O feminino se reinventa, se impõe e atravessa o espelho. Materializa-se. Expõe seu “fogo Criador”.

“*La Madre Monte*” é uma lenda enraizada na tradição oral da Amazônia Colombiana. La Madre é descrita de várias formas dependendo da região. Uma forma feminina, às vezes linda, outras monstruosa, às vezes jovem, noutras anciã, mas sempre protegendo a natureza, a terra, as árvores e os animais dos lenhadores e caçadores que, de alguma maneira “ferem” a selva. Nanny Zuluaga Henao a descreve como “uma mulher negra que guarda sementes nos cabelos”. Descreve-a protetora, um lugar acolhedor para que as aves façam seus ninhos e ocultem “seus filhotes”. Descreve-a “atravessando o espelho”, ancestral, cristalização de memórias antigas e caras:

### **La Madre Monte**

La Madre Monte é uma mulher negra:  
guarda sementes em seus cabelos,  
finos fios agrupados como tubos de coral  
onde os periquitos aninham na Semana Santa  
e ocultam seus filhotes.

É a curandeira que leva na cintura a “chuva e o vento”, leva “suturas para os ramos quebrados no inverno” e “unguentos para queimaduras das folhas, no verão”. É a cuidadora, aquela que “guarda” e mantém as tradições, a que “classifica”, relata e acalenta as árvores destruídas:

Em sua pronunciada cintura, amarra com cipó:  
Punhados de chuva e vento;  
Suturas para os ramos quebrados no inverno;  
Unguento para a queimadura das folhas no verão.  
Em seu livro de brotos secos, classifica esqueletos de  
Árvores,  
E escreve versos a suas angústias.

A voz enunciativa ressignifica a lenda da Madre Monte, a figura da mulher que cuida da natureza, dando-lhe a aparência da mulher negra. Aquela que guarda no ventre a abundância e a sabedoria da vida. Que representa o cuidado, a cura, o festivo e a poesia:

O canto da Madre Monte  
é um bando de araras,  
de asas estendidas entre nuvens e arvoredos,  
pinceladas de broxa grande, na tela da manhã

La Madre Monte, em seu ventre voluptuoso,  
Gesta a abundância selvagem,  
o lamento serpentino,  
e a poesia da selva.  
(Zuluaga Henao, 2023, p.27 )<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup>No original: **La Madre Monte** /La Madre monte es una mujer negra: /guarda semillas en sus cabellos, finas hebras agolpadas como tubos de coral /donde los pericos anidan en semana santa y ocultan sus pichones. /A su pronunciada cintura, amarra con bejucos: /Puñados de lluvia y viento; /Suturas para las ramas rotas en invierno; /Ungüento para la quemadura de las hojas en verano. /En su libro de retoños secos, clasifica esqueletos de /Árboles, /y escribe versos a sus angustias. /El canto de la Madre monte /es una bandada de guacamayas, /de las extendidas entre nubes y arboledas, /pinceladas de brocha gorda, en el lienzo de la mañana. /La Madre monte, en su vientre voluptuoso, /gesta la abundancia salvaje, /el lamento serpentino, /y la poesía de la selva. (Zuluaga Henao, 2023, p.27)

Percebemos a mulher, o corpo da mulher em uma urdidura perfeita com a natureza. A mulher que tempera, que “*sabe o canto das águas*”. A mulher que “*guarda as sementes*”, que cura, que acolhe, que acalenta. A mulher que “*gesta a abundância, a palavra e a poesia*”. A cuida de si e dos seus.

Ao falar sobre memória individual e memória coletiva, Maurice Halbwachs nos diz que:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (Halbwachs, 2006, p. 30)

Ou seja, mesmo não estando presente, somos capazes de atravessar e sermos atravessados pelas lembranças do outro. Quando passeamos por um lugar, quando lemos sobre algo, quando vivenciamos algum evento, sempre seremos influenciados pelo ponto de vista e pelas lembranças, impressões e recordações de outros. Nunca estamos sozinhos.

Os versos de Nanny Zuluaga Henao vai despertando memórias. O “eu – lírico” presente em cada um desses poemas retorna a algum lugar, descreve alguma pessoa, algum aroma, algum ritual e, com isso, vamos compartilhando lembranças, construindo memórias.

A voz enunciativa, em **Avó bateia**, viaja para dentro de si e relembra a avó através de um simples utensílio doméstico: a bateia. Nela sua avó descascava, tirava sementes, esfriava os assados. Era nela, também, que escondia os doces feitos para a Semana Santa:

#### **Avó bateia**

Antes da era da garrafa plástica  
em meio ao coité,  
a colher de pau e o jarro de barro,  
reinava a bateia.

Horizontal, em seu colo,  
enquanto a avó tirava as sementes do urucum,  
descascava mafafas<sup>10</sup>  
aguardava o afago da massa das cucas,  
ao ritmo da algazarra das crianças brincando  
pelos cantos da casa.

Na prateleira, com o pau cruzado,

<sup>10</sup>Uma espécie de tubérculo, tipo a batata.

guardava a memória  
dos doces da Semana santa,  
era um esconderijo perfeito  
destas místicas doçuras.

No entanto, ao final do poema, a voz poética lamenta o fato de que o objeto, de tantas doces recordações, hoje se encontra esquecido, longe da cozinha, acumulando apenas os sonhos infantis e a recordação da avó que já não está mais aqui:

Hoje  
longe da cozinha,  
abandonada no pátio,  
com o ventre partido,  
acumula os sonhos da infância  
e a recordação da avó que já partiu.  
(Zuluaga Henao, 2023, p. 32 )<sup>11</sup>

Nanny Zuluaga Henao, pinta sua aldeia para guardar as memórias vividas e escutadas. Em seus versos ela deixa ecoar todas as vozes daquelas que teceram seu ser, que transmitiram aprendizados, que despertaram possibilidades, que fincaram suas raízes, que permitem a força e a fé para empoderar-se, fortalecer-se, enfim, ser a semente germinada. Seus versos traduzem suas terras, seu território, suas heranças, suas memórias, seu ser e sua essência. Ao pintar sua aldeia, a poeta pinta o mundo com pinceladas alegres, festivas e cheias de significados e significâncias.

## Referências

BRANDÃO, Ruth Silviano. **A Vida Escrita**. Rio de Janeiro: 7letras, 2006.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Tradução: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

---

<sup>11</sup>No original: **Abuela batea** /Antes de la era de la coca plástica, /en medio de la totuma, /la cuchara de palo y la tinaja de barro, /reinaba la batea. /Horizontal, en su regazo, /mientras la abuela despepitaba achiotés, /pelaba mafafas, /esperaba la caricia de la masa de las cucas, /al ritmo del bullicio de los niños jugueteando /por los rincones de la casa. /En la repisa, con el palote atravesado, /guardaba la memoria /de los dulces de Semana Santa, /era El escondite perfecto /de estas místicas ricuras. /Hoy /lejos de la cocina, /abandonada en el patio, /con el vientre roto, /amasa los sueños de la infancia /y el recuerdo de la abuela que ya partió.(Zuluaga Henao, 2023, p. 32).

ZULUAGA HENAO, Nanny. *Patirrusia*: poesía de la memoria ancestral. Colômbia: Casa de Extraños, 2023 .

**Data de submissão: 29/05/2025**

**Data de aceite: 02/09/2025**